

# O PAÍS

Ano I número 40

Preço: 10\$00

semana de 8  
a 14 de Outubro  
1976

José Vacondes

Directores

Vera Lagoa

SEMANA de acontecimentos políticos de grande significado, a propósito das comemorações, em 5 de Outubro, da implantação da República, o Chefe do Estado pronunciou um importante discurso. E afirmou:

## Não basta sonhar belos ideais...

...é preciso procurar as soluções adequadas, realistas e concretas para os problemas que dia-a-dia iremos encontrar.



A edição de 5 de Outubro de 1910 do jornal «O País».

Na mesma ocasião, à varanda da Câmara Municipal de Lisboa, o capitão João Sarmiento Pimentel, homem de 88 anos, combatente na Rotunda às ordens de Machado dos Santos, anti-fascista de sempre, declarava ao nosso Jornal: «Vim a Portugal em nome do Governo. Mário Soares convidou-me. Há anos esteve em minha casa, no Brasil.» E recordou: «Os fascistas roubaram-me tudo. As memórias

e até uma apólice de um seguro de vida».

Era anunciada, entretanto, a criação da «Ordem da Liberdade» e foram indicados os nomes das figuras que, a título póstumo ou em vida, serão galardoados com a nova distinção. António Sérgio, Azevedo Gomes, Jaime Cortesão, Bento de Jesus Caraça, Alves Correia, Humberto Delgado, entre outros, figuram na lista dos nomes das personalidades já mortas a quem foi atribuído o galardão. Raúl Rêgo e o bispo do Porto, António Ferreira Gomes, mereceram também a referida Ordem.

Na última quarta-feira outro acontecimento veio enriquecer o número de casos importantes ocorridos no nosso País: a reabertura da Assembleia da República. Sessão animada, com intervenções de vários deputados de entre os quais se salientou o ataque de Vital Moreira (PCP) a Sottomayor Cardia e a apresentação pelo CDS do Estatuto da Oposição. Naturalmente, a mudança de nome para PSD do antigo Partido Popular Democrático foi motivo para uma referência especial no hemiciclo de S. Bento, como já tinha sido antes notícia logo que

foi divulgado o que ficou estabelecido, num hotel da linha do Estoril, durante a reunião do Partido de Sá Carneiro.

É caso para referir e sublinhar, nesta nova fase de trabalhos da Assembleia da República, a frase proferida

pelo general Ramalho. Eanes na manhã de 5 de Outubro: «Há que rebustecer a confiança do Povo português na sua Assembleia e basear o seu prestígio na fidelidade aos anseios de um Povo sedento de paz, de progresso e de justiça».



## Reforma agrária:

- a CAP pronuncia-se
- proprietários coagidos a arrendar as terras
- o PS e a CAP
- Lopes Cardoso não colaborou

(pág. 6 e 7)

## Mário Soares entrevistado pela televisão francesa

(pág. 24)



## Hotel Baía desocupa-se ou não?

(pág. 17)

## O «fenómeno» Pires Veloso

(pág. 16)



## Quanto nos custa comer?

(pág. 12)



## Quanto pagamos de impostos?

(pág. 13)

CERTINA

### Certina-DS o relógio mais forte do mundo

porquê?  
para si qual será a melhor explicação?  
- a nossa, ou a do técnico da sua confiança?  
faça-lhe a pergunta, ele lhe revelará o **porquê!**



## Galvão de Melo é sempre notícia

ALERTADOS por uma notícia publicada no "Jornal de Notícias" do passado domingo, segundo a qual o general Galvão de Melo "teria manifestado desejo de participar em reuniões do grupo parlamentar do CDS... abandonando a sua famosa posição de independente", pusemo-nos em contacto com o referido deputado e obtivemos a seguinte exclamação: "É uma notícia totalmente falsa! Se for crível, sou cada vez mais independente em relação ao CDS. Tenho pena que na nossa Assembleia não tenham assento indivíduos sem a necessidade do apoio de organizações partidárias".

Salientámos que, entretanto, após o congresso realizado em fins de Julho pelo CDS, as suas posições talvez se tives-



sem alterado. "As decisões do congresso em nada modificaram as minhas opções políticas. Não estou mais em discordância com os centristas do que estou com o PPD. Aliás, tanto poderia ser independente por qualquer destes Partidos como até mesmo pelo PS" - acrescentou o General.

"Aproveito a ocasião para desmentir uma notícia que o "Expresso" deu na sua secção "Gente", segundo a qual teria sido visto à porta do Tavares, na companhia de Melo Antu-

nes e Vítor Crespo. Quando vou almoçar gosto de o fazer apenas com amigos... Esses não o são..." E mais adiante: "Já estou habituado às "notícias" do "Expresso". Quanto ao matutino português, não compreendo donde terá partido essa "boca"..."

E a terminar este breve contacto, declarou-nos: "Vai sair este mês um novo livro meu com o título "Coragem de Lutar". Nele, serão bem patentes tanto a minha independência como a minha coerência..."

## «Revolucionários» que eu conheci

### Teixeira Ribeiro um lente de Póvoa de Lanhoso

(pág. 10)



«revolucionários» que eu conheci

# Teixeira Ribeiro ou a instrumentalização de um lente de Póvoa de Lanhoso

NÃO. Não é por se ter falado tanto em Teixeira Ribeiro que o faço alinhar, hoje, neste garboso pelotão de "Revolucionários". Pensei nele há bastante tempo já, precisamente quando se tornou vice-primeiro ministro fanigerado V Governo provisório, numa época que ficou, para a história portuguesa, conhecida, tristemente, por "gonçalvismo".

Pensei nele. Mas com desgosto. Um homem com a reputação de "socialista moderado" feito, assim, gato-sapato pelos pécês? Um homem na altura da vida em que mesmo os que foram indignos procuram a dignidade?

Pois é, mas Teixeira Ribeiro, mesmo sem o querer mostrar, foi sempre um homem ambicioso. **Ambição de servir?** Ou apenas um complexo escondido de criada de servir? Mistério. O certo é que **servindo**, duma ou doutra forma, o cargo de Ministro lhe fugiu sempre durante o antigo regime. Mas estava escrito que teria que ser. E foi. Com Gonçalves. Vice-primeiro. Foi, e suicidou-se. É pena. Poderia ter morrido de morte natural.

## O corporativista

Especialista em Finanças e Economia, foi igualmente professor de Direito Corporativo (pois então!), numa época em que isso não podia deixar de significar um compromisso com o regime que tinha por fundamento as ideias corporativistas. Seguiu nas lições os autores italianos do fascismo e até discutia as diferenças entre o corporativismo português e o italiano, considerando o nosso, evidentemente, mais benévolo.

Os "Princípios e Fins do Sistema Corporativo", de que é autor, constituem uma análise serena dentro do sistema, e não a crítica que seria de esperar dum futuro "gonçalvista", ou mesmo de um vulgar opositor ao regime.

Como técnico de Direito Fiscal foi variadas vezes consultado pelos Governos do Estado Novo e realizou estudos e projectos de decretos-lei para Salazar. O que ele pensava e pensa de Salazar já foi dito noutros jornais. No que ele se tornou, já

o escreveram — e primorosamente — os diários "Luta" e "Jornal Novo", entre outros. Poderia, pois, dispensar-me de mais referências a este "Revolucionário" muito especial e muito mais velho do que os outros de que me tenho ocupado. Mas, já que tenho as mãos na massa, adiante.

## O «comunista» instrumentalizado

Quem apoia Teixeira Ribeiro? Os comunistas e seus laicaos. As UEC's e suas diversificações estudantis, certos Sindicatos, os jornais controlados pelo PC, estatizados ou não. Isto é sempre pedra de toque fundamental: não é verdade que é tática sistemática dos comunistas explorarem e protegerem os que lhes fazem o jogo, sem se importarem com o seu passado, ou as suas qualidades morais? Não se refugiaram sob a asa negra do PC milhares de oportunistas (alguns agora bem arrependidos) para receberem as benesses do Partido?

Comunista ou não, Teixeira Ribeiro é, hoje, um instrumento objectivo do PC, como o foi de Salazar.

## O ditador

O que se torna bem patente é que as simpatias do professor Teixeira Ribeiro, por mais que disfarce, desajam sempre em regimes autoritários, sejam fascistas ou social-fascistas. Diz-se, até, que se não gosta do marxismo de Mário Soares é porque o acha apenas "rose" e, nisto de cores, para ele, ou tinto ou branco!

Afinal, a sua pecha, o que parece atraí-lo irresistivelmente, é isso mesmo: o gosto pelas ditaduras.

Até da ditadura da "sebenta".

## O «sebenteiro»

Teixeira Ribeiro era (ainda será?) um obcecado das "sebentas". Ai do aluno que delas se afastasse. Coitado do estudante que não as decorasse.

Uma vez em que o aluno, embora respondendo acertadamente, não reproduziu "ipsis



verbis" a "sagrada" "sebenta", Teixeira Ribeiro explodiu: "Levei dez anos a conseguir esta definição para você a dar de outra maneira! Diga como está na "sebenta!". Era o império da "sebenta".

A récita de despedida do V Ano Jurídico da Universidade de Coimbra em 1950, e que se encontra impressa, retrata-lhe bem esta empedernida faceta autoritário-sebenteira.

## O feroz examinador

Na mesma linha de processos realizava os exames.

"Qualquer fraude ou tentativa de fraude será punida pelas sanções legais, que podem ir da anulação pura e simples da prova até à anulação da presença do aluno nesta Faculdade".

Com esta frase lapidar que, todos os seus alunos tinham de cor, abria Teixeira Ribeiro os exames.

O estilo é o homem.

## Sempre a imagem de Salazar

Quando tomou posse do seu lugar, no V Governo, alguns órgãos da Imprensa estrangeira, referindo-se ao facto, chamaram-lhe o "novo Salazar". Que ele o admirava, já está dito e provado. Que ele o citava, a propósito e a despropósito, veremos a seguir.

Um dia puniu os alunos com falta colectiva por ter chegado

à aula muito atrasado (ele, que nunca se atrasava) e já não encontrar ninguém. Quando os alunos lhe explicaram que tinham esperado os dez minutos da praxe, os dez minutos que ele sempre concedera, o mestre respondeu:

"Os senhores têm a sorte de não serem alunos do professor Salazar, porque esse não dava os dez minutos que eu dou. À hora exacta estava à entrada da porta. Quem não estivesse, não estava".

A isso respondeu-lhe o aluno Homem Ferreira: "O senhor doutor sabe o que aconteceu ao professor Salazar por causa disso?"

Teixeira Ribeiro: "Não sei, nem me consta nada". E o outro, rápido: "Foi parar à Presidência do Conselho".

## De bem com Deus e com o diabo

Embora defendendo nas aulas o sistema corporativo, o professor Teixeira Ribeiro tentou, em tempo oportuno "acasalar-se" com o nascente MUD. Um jornalista que então chefiava a redacção do "Correio do Minho" (órgão da União Nacional) escreveu um artigo violentíssimo contra ele, chamando a atenção para a contradição que havia entre a atitude nas aulas e essa sua tentativa (tinha a ideia do "acasalamento" sido publicada nos jornais).

Teixeira Ribeiro respondeu invocando um documento assinado por todos os professores da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, em seu favor, que era uma espécie de carta de alforria ou de "para-raios" contra a tempestade que se aproximava. Perder o seu lugar, nunca... E é curioso, também, que a primeira pessoa a assinar o documento tivesse sido o professor Mário de Figueiredo, amigo íntimo de Salazar, e durante largos anos presidente da Assembleia Nacional do Estado Novo.

A este documento, o jornalista Aníbal Mendonça (pai) respondeu com uma página polémica célebre, ostentando o seguinte título a sete colunas: "A bombinha atómica do professor Teixeira Ribeiro".

## O «Fiscal» gozado

As histórias sobre o professor Teixeira Ribeiro enriqueceram largamente o anedotário académico de Coimbra, a partir da década de 40. Uma das que mais brado deu, e que mostra a sua costela de Pina Manique, foi a seguinte:

Havia um aluno que se mantinha há longos anos na Faculdade e levava uma vida bastante airada. A certa altura, decidiu acabar o curso. Foi a exame, ouviu a costumada declaração da "fraude", mas porque a ciência não lhe abundasse, raptou da "sebenta" que levava debaixo da batina e desatou a copiar.

Mas Teixeira Ribeiro lá estava vigilante, como sempre, nestes momentos cruciais. Pé-ante-pé, deslizando como uma sombra ou um KGB, aproximando-se do aluno e, ao mesmo tempo que lhe batia no ombro, atirou-lhe, irado: "Oh senhor! Julga que não tenho olhos?"

O aluno, já com poucos cabelos, por sinal loiros, rosto rosado e uma mirada azul, respondeu-lhe com um sorriso angélico: "E que lindos que eles são, senhor doutor!"

A raiva de Ribeiro ia-o prostando com uma síncope.

## Os maus fígados

Teixeira Ribeiro estudou em Braga. Da sua passagem por aquela cidade — dizem — ficou-lhe uma doença de fígado. Como? Perguntem aos seus contemporâneos. Nessa altura ainda não eram Salazar nem Gonçalves os seus demónios, mas Baco o seu Deus.

Havia na cidade dos Cardeais um tasco chamado, então, "O Variedades", que passou mais tarde a ser "O Vaticano", e onde consta que, por vezes, Teixeira Ribeiro, depois de ter bebido o que não podia, ficava a dormir à porta.

Com os fígados em "vinha de alhos", é natural que nem todas as desgraças e mau feito possam ser imputadas à malvada da política. O equilíbrio da função hepática e renal é um bem indispensável a qualquer cidadão, particularmente quando se é

tão rígido mestre e a ambição o obriga a espectaculares golpes de rins sobre a corça bamba.

Ah! Também casou tarde e... é bem feito (não era isso o que dizia o Brito Camarcho?).

## O «saneado» à esquerda

Voltando à actualidade, eis-nos perante a nova face do velho professor: "saneado à esquerda", como pretendem os comunistas. Posto no devido lugar, segundo o bom senso e a corajosa verticalidade de Sottomayor Cardia, que já explicou a um semanário que "entre as concepções do Governo e as do professor Teixeira Ribeiro não havia pontos de contacto".

De resto, durante o "gonçalvismo", período em que o vetusto mestre foi nomeado, os reitores não eram, como não são agora, eleitos. Eram nomeados a bel-prazer dos Governos de então. As UEC's e similares não reclamavam, nessa altura, o direito de eleger, porque **sabiam quem nomeava**. Ora, desde que se aceite o princípio da nomeação, necessário é acatar o direito de **demissão**.

Ribeiro, além de não ter "pontos de contacto com o actual Governo", insultou o primeiro-ministro.

Bem, mas quanto a mim, bastaria, para justificar o apeamento de Teixeira Ribeiro o prefácio que faz aos desvairados discursos de Gonçalves e que constituem, hoje, uma peça fundamental da antologia do humor negro de que está recheada a história do nosso PREC. Que vergonha! Parabéns, Sottomayor Cardia.

Vera Lagoa

*NOTA — Mais uma vez é necessário pedir desculpa aos leitores pelo bando de gralhas que persiste em pousar em "O PAÍS". No que escrevi sobre João de Freitas Branco apenas quero referir, por ser a mais chocante, aquela que troca linhagem aristocrática do Pai por "linguagem aristocrática do Pai", o que, evidentemente, é um disparate.*